

## **DA ESTANTE - PROGRAMA DE LEITURA LITERÁRIA DA RÁDIO DA UNIVERSIDADE**

Coordenador: LIZ DE BORTOLI GROTH ATHIA

O presente trabalho trata de um relato de experiência como bolsista de extensão no programa Da Estante, projeto da Rádio da Universidade (UFRGS) responsável por promover a leitura de plurais gêneros, temas, períodos e autores. Por se tratar de um relato pessoal, o trabalho é apresentado em primeira pessoa do singular pois, nesta possibilidade de escrita, encontrei uma maior mobilização no que concerne o fazer extensionista, aproximando o leitor da experiência relatada. O programa, criado em 2021, foi embasado em leituras de Antonio Candido (2011), Michèle Petit (2009) e Walter Benjamin (1987). Pensar em como introduzir e contextualizar os textos para os ouvintes é um desafio e, para isso, eu escrevo um roteiro que é revisado e discutido com a equipe. Precisei de alguns meses para me ver confortável com esse tipo de escrita pois não são apenas novidades na formatação, mas também o fato de que eu escrevo, geralmente, para outra pessoa ler. Somente após criar intimidade com a apresentadora do programa, Liz De Bortoli, que passei a propor falas menos impessoais, algo que busco fazer com consciência e educação. Para além disso, a concepção de literatura pincelada por Candido como "todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático, em todos os níveis de uma sociedade [...]" (p. 176, 2011) abre margem para a leitura de canções, cartas e outras obras que não necessariamente são canonizadas no mundo literário. Essa abordagem se torna mais pertinente quando observamos o quão recente é a inserção de álbuns nas leituras obrigatórias do vestibular da UFRGS, fato esse que evidencia como essas perspectivas são capazes de borrar os limites do que compete ou não estudar dentro de um curso de Letras. Outro exemplo de tal impacto foi a possibilidade de leitura de uma carta escrita por Clarice Lispector e enviada a Mário de Andrade (1944), promovida na semana que tinha silêncio como tema. O texto que, argumentavelmente, não tinha pretensão alguma de ser levado ao público ou alocado em prateleiras de biblioteca, revelava o incômodo da autora após publicar seu primeiro romance e receber diversos comentários dos mais renomados críticos da época, com exceção de um, Mário. Clarice afirma, no texto, que o fato de Mário não ter tecido parecer algum possuía um significado por si só, e ela o compreendia, mas não se dava por satisfeita, ela queria mais que o silêncio do autor. Tal noção estruturou uma imagem mais tátil quando me pus a estudar inferências em minhas aulas de linguística e me vi questionando até que ponto as palavras eram capazes de tecer significado sozinhas visto que, em alguns casos, a

ausência delas se mostra tão competente quanto nesse aspecto. Por conta disso, observo que a aproximação do curso de Letras com o ambiente radiofônico é capaz de ampliar reflexões sobre a língua, a escrita e a literatura através da produção dos roteiros, da leitura em voz alta e do contato com obras de conjunturas tão variadas.